

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: MAIOR MARCA DE IDENTIDADE DO SURDO BRASILEIRO

Daisy Mara Moreira de Oliveira (UNIT- RJ, FSLF e UFS)

dayseoliveira01@hotmail.com

Derli Machado de Oliveira (UFS e UFRN)

derli_machado@hotmail.com

1. Introdução

O Brasil é um país com uma grande diversidade linguística, portanto multilíngue. Porém a língua que é dita como majoritária nacionalmente é o português. Como bem coloca Quadros (2005, p. 27) pensa-se que “todo falante adquire a língua portuguesa como primeira língua”, ignorando as mais de 170 línguas dos indígenas do País, como também a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros – libras. Segundo esta linguista, isto se dá pelo fato que, a tendência das políticas linguísticas é de utilizar da matemática a opção de subtração em vez de adição. Fato gerado pelo equívoco de que “uma língua leva ao não uso da outra e, neste caso, *subtrai*”. Este medo de perda de status linguístico leva ao desprestígio da demais utilizadas.

O objetivo deste artigo é o de verificar através de um olhar linguístico-antropológico a importância dada a libras – língua brasileira de sinais em dois âmbitos: o registrado em literatura produzida por surdos brasileiros e o observado no discurso produzido pela comunidade surda em Aracaju – SE.

Utilizaremos como metodologia a pesquisa literária que aborda o assunto alvo de pesquisa, a qual nos dará o respaldo científico. Utilizaremos também entrevistas com surdos residentes em Aracaju – SE, a fim de verificar como este discurso de âmbito nacional vem, ou não, influenciando a comunidade surda local. O método para a realização da pesquisa foi de roteiro de entrevista não diretiva, ou seja, aquela que colhe as “informações baseadas no discurso livre do entrevistado” (CHIZZOTTI, 2005, p. 92) com líderes locais.

Cabe ressaltar ainda que, a pesquisa será realizada com surdos na faixa etária entre 18 e 30 anos, moradores do município de Aracaju, e que estejam cursando o ensino médio e/ou graduação. A preferência desta faixa etária se deu pelo fato deste grupo já possuir maioria, logo independência de locomoção e maior influência em termos de liderança

surda, já que é este grupo que organiza os movimentos surdos na região. Por questões éticas não citaremos o nome do entrevistado, adotamos a citação da inicial do primeiro nome agregado a idade.

Em nossas leituras de pesquisa, observamos que a libras é apontada por escritores surdos como a principal marca identitária do surdo brasileiro. Dentre estes autores, encontramos a Dra. Karin Strobel, (2008, p. 44) que diz que a libras é uma das “[...] principais marcas da identidade de um povo surdo [...]”, e como um dos maiores destaque dentre os diversos artefatos que a autora e os surdos residentes em Aracaju – SE utilizam para indicar sua identidade de pertença a uma minoria linguística.

A importância da escolha de uma escritora surda e dos informantes surdos aracajuanos se dá pelo fato que, como bem colocou Mercier (sem ano, p. 19) “Toda organização social, toda cultura tem sido interpretada pelos que dela participam”. Certamente uma interpretação dos “de dentro” nos dará uma visão particular de quem tem vivenciado este processo identitário.

Strobel (2008) dedica parte de sua obra a oito artefatos eleitos como comprobatórios de que, embora imersos numa sociedade majoritária ouvintista, os surdos possuem seu modo próprio de ser, sua identidade e cultura. São estes os artefatos: experiência visual; artefato cultural familiar; de literatura surda; da vida social e esportiva; das artes visuais; da política; dos materiais; e por fim o que gostaríamos de nos deter neste artigo – o linguístico.

2. *Origens das línguas de sinais e a língua brasileira de sinais - libras*

A linguagem, embora seja uma capacidade exclusivamente do homem, não é condicionada biologicamente, ou seja, não é transmitida geneticamente. É algo que se adquire através do aprendizado com outro falante, e por se só é geradora dos conceitos e valores que cada grupo humano estipula ao desenvolverem seus próprios códigos. Traz consigo a visão de mundo de cada agrupamento, e é a melhor forma do ser humano se adaptar ao meio social. Assim, com este recurso e por esta via o ser humano estabelece seus padrões culturais, melhor dizendo, reproduz, reforça e repassa a sua cultura. Desta maneira podemos refletir e concordar com Marconi (2009, p. 288) quando diz que, “linguagem e cultura estão íntima e mutuamente relacionadas”.

Podemos conhecer os fatores que levaram os surdos a produzirem uma linguagem e, através de dados históricos, verificar quando foram registrados os primeiros relatos a respeito da língua gestual. Porém estabelecer uma data de início desta modalidade de comunicação é impossível. Marconi (2009, p. 288) no décimo quinto capítulo do seu livro “*Linguagem e Cultura: em um contexto antropológico*”, ao se referir às primeiras formas de comunicação humana, através do som, diz que é impossível prever quando se deu este início, pois “como saber, se não há fósseis de palavras”. Assim também, não podemos prever quando os primeiros indivíduos surdos optaram por usar a linguagem visual-gestual.

A língua brasileira de sinais – libras – recebeu o status de L1, ou seja, primeira língua da minoria surda brasileira através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Fato recente, que se deu pelo esforço e conquista da comunidade surda no Brasil, após anos de empenho em prol do reconhecimento de sua língua materna diante da língua majoritária de nosso país – o português.

Strobel (2008, p. 46) cita alguns pesquisadores linguistas que tiveram grande importância na conquista do reconhecimento da língua de sinais, fora e dentro do Brasil:

A língua de sinais é transmitida nas comunidades surdas e, apesar de por muito tempo na história dos surdos ter sofrido a repressão exercida pelo oralismo, a língua de sinais não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração, pelos povos surdos com muita força e garra. [...] A partir da década de 1950 iniciaram-se estudos aprofundados sobre as línguas de sinais como, por exemplo, William Stoke (1965) e, no Brasil, os ouvintes Lucinda Ferreira Brito (1986), Ronice Quadros (1995; 2004), Tanya Felipe (2002) [...].

Na citação acima se percebe que é mencionada a repressão por que passou o surdo ao lhe ser vedado a única forma natural de comunicação que é a linguagem através dos sinais, mas que nem por isto ela se extinguiu, pelo contrário, continuou a ser transmitida com mais empenho. E junto a isto, o envolvimento de pesquisadores ouvintes engajados na defesa da língua de sinais propiciaram uma melhor divulgação desta modalidade linguística elevando o status linguístico nacionalmente.

Muitas pessoas por desinformação pensam que a língua de sinais é composta por gestos que tem como finalidade a interpretação da língua oral. Porém os pesquisadores linguistas atribuíram a libras o status de língua por entenderem que esta apresenta características semelhantes às outras línguas, como as diferenças regionais, socioculturais e sua própria estrutura gramatical bem elaborada. Por exemplo, o que se denomina na

língua oral como “palavra”, ou item lexical, em libras é denominado de “sinal”. Como toda língua, a libras também não é estática, acontecem mudanças como aumento de vocabulário, ou mudança de algum sinal, isto quando a comunidade que o utiliza assim concorda em fazê-lo. Botelho (2005, p. 21) nos traz uma contribuição ao explicar o porquê da língua de sinais ser considerada como mímica, tornando-a inferior a língua falada:

Este equívoco vem sendo mantido porque na situação interativa entre surdos e ouvintes há um mercado de bens linguísticos [...], no qual a língua é autorizada e legitimada, enquanto a língua de sinais é desprestigiada e classificada como arremedo de língua, sistema grotesco, simiesco e primitivo, já que esse mercado é de caráter logocêntrico.

Além da utilização de sinais/palavras, a língua de sinais utiliza-se da expressão facial e corporal. Através do estudo da cinesia¹⁵⁴ é possível compreender de uma forma mais específica como a linguagem corporal humana, ou seja, aquela que não utiliza um enunciado verbal pode complementar ou mesmo alterar o sentido do que está sendo dito. Assim o surdo utiliza-se deste recurso para dar “vida” aos sinais/nomes e transmitir seus sentimentos.

Verificamos que existe cinco parâmetros básicos na libras que uma vez combinados irão formar o sinal/palavra. São os parâmetros: configuração de mãos, o movimento, ponto de articulação, orientação/direcionalidade e a expressão facial¹⁵⁵. O último destes parâmetros é considerado primordial para a compreensão da palavra por complementar os traços manuais, geralmente agregados a sinais/palavras que expressem sentimento. Quando desejamos expressar alegria, por exemplo, faz-se necessário o sinal/palavra agregado a uma expressão facial que demonstre este estado de contentamento. Neste item podemos nos utilizar da cinesia para analisarmos a eficácia da linguagem corporal, do movimento e da expressão facial utilizadas pelos surdos para transmitirem a mensagem que se quer passar ao outro. Segundo William (2011, p. 225):

A linguagem corporal humana possui um vasto repertório. Isto fica evidente quando se considera apenas um aspecto: o fato de que o ser humano tem quase cinquenta músculos faciais e consegue, portanto, demonstrar mais de 7 mil expressões. Assim, não é surpresa saber que pelo menos 60% da comuni-

¹⁵⁴ Definição do termo cinesia por William (2011, p. 225), “O método para observar e analisar a linguagem corporal é conhecido como cinesia”.

¹⁵⁵ Maiores esclarecimentos sobre os cinco parâmetros da libras, ver em: FELIPE (2006).

cação total são enunciados não verbais. Geralmente, as mensagens gestuais complementam as faladas. [...] Entretanto, os sinais não verbais às vezes são diferentes da fala e tem o poder de sobrepor-se a ela, ou diminuir sua significação. Por exemplo, uma pessoa pode dizer “eu te amo” mil vezes para outra pessoa, mas, se não forem verdade, os sinais não verbais provavelmente indicarão esse aspecto.

Os surdos, pela própria falta da audição, utilizam-se muito mais do campo visual que nós ouvintes. Desta forma possuem uma maior destreza em detectar as expressões faciais e corporais que acompanham a conversação, podendo detectar com mais agilidade e eficácia a veracidade de uma afirmação.

Para um melhor entendimento sobre a língua brasileira de sinais, é necessário conhecer a importância da língua materna, ou L1. A língua materna é aquela que o sujeito aprende em contato com o meio social. É a primeira língua a que o sujeito tem acesso, ou seja, no caso de ouvintes brasileiros ou portugueses, para os surdos, a libras. A aquisição dessa língua materna denominada pelos linguistas de L1 é fundamental para que o indivíduo possa adquirir novos conhecimentos através da interação com o outro. Costa (2007, p. 1) afirma que:

A melhor forma de desenvolvermos a linguagem é interagindo com os outros, pois a comunicação é a finalidade primeira da linguagem. Na interlocução enriquecemos o nosso léxico, aprimoramos a nossa capacidade de compreensão ao procurarmos entender o outro, e somos obrigados a organizar constantemente nosso pensamento a fim de sermos compreendidos. Ao mesmo tempo, entrarmos em contato com novos conceitos e termos a oportunidade de explicar nossas dúvidas. Uma vez que a linguagem se realiza através de uma língua (qualquer que seja sua natureza: fala, língua de sinais), o domínio desta é especial para a aprendizagem de uma pessoa.

Devido ao fato do ser humano ser dotado da capacidade de desenvolver a linguagem, ou seja, de se comunicar através de um sistema de signos-língua, e diante da importância que esta linguagem tem para a aquisição do conhecimento/leitura de mundo, é que se enfatiza a necessidade de que o surdo desde a mais tenra idade esteja em contato com a L1, e conviva em meio social que utilize esta língua, favorecendo o seu conhecimento de mundo e desenvolvimento cognitivo-psicológico ajustado, como bem coloca Rinaldi:

O que é importante frisar é que a estruturação linguístico-cognitiva veiculada por uma língua natural, só é possível ocorrer de forma natural para surdos se for por meio de uma língua espacial-visual. Essa estrutura é justamente, em termos linguísticos, aquilo que permite o que Paulo Freire chamou de “Leitura de mundo”, que segundo ele, antecede a leitura da palavra. Se não houver uma leitura de mundo, não haverá compreensão e produção de texto. Sem um a-

poio de uma língua materna, não haverá estruturação linguístico-cognitiva acima mencionada. Para surdo, o Português falado dificilmente será sua língua materna naturalmente adquirida. (RINALDI, 1997, p. 156)

De acordo com a citação acima, percebe-se que a língua de sinais é de fundamental importância para o indivíduo surdo no que tange a construção de sua leitura de mundo, bem como para a sua integração na sociedade.

Apesar do reconhecimento oficial da língua brasileira de sinais, fica claro que o êxito no direito do surdo ao uso de sua língua materna, torna-se prática social motivo de confrontos, disputas e discriminação.

Todo este panorama de conquista histórica do surdo por reconhecimento de sua língua e como esta se efetiva na sua interação em sociedade é um tema pouco explorado na atualidade pela antropologia, daí a importância de pesquisadores se debruçarem sobre esta temática para registrarem este percurso de criação do que denominam de cultura surda e do uso de sua língua como atributo identitário.

3. *Contribuição da sociolinguística no estudo da relação entre língua e identidade*

Guisan (2009, p. 17) afirma que atualmente a pesquisa da sociolinguística enfatiza em particular a função “identitária das línguas, e os mecanismos que instrumentalizam essas línguas na construção dos mitos sobre os quais se fundamentariam as identidades coletivas”. Para este linguista, quando se vincula língua com identidade está implícito entre estas duas instâncias outra palavra – alteridade. Isto devido ao próprio cunho do discurso identitário estar impregnado da marca da diferença, ou seja, sou o que o outro não é.

Embora muito já se tenha escrito sobre o conceito de língua e das categorias de denominação a elas atribuídas como dialetos, socioletos e outros, o referido autor ressalta que ainda há dificuldade de se falar sobre este tema. Em linhas gerais, essa dificuldade consiste em três fatores: primeiramente, devido ao fato da língua ser um produto cultural. O segundo fator diz respeito ao fato das línguas serem sistemas condicionados aos universais da mente humana; e por fim, devido ao seu caráter ideológico. Neste último, ressalta-se a utilização da língua como um elemento de fundamental importância tanto no âmbito individual quanto no

de comunidades na construção e afirmação identitária. Ao explicar o vínculo existente entre língua e identidade, o autor ressalta:

Entretanto, importa lembrar que o Outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito; consequentemente, a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua, já que é considerada como elemento da identidade coletiva. Daí a eleger o Outro e a sua língua como ameaça para a “pureza”, há apenas uma etapa rapidamente percorrida na história dos nacionalistas em particular, e dos etnocentrismos e racismos, onde o desprezo através da representação das outras línguas alimenta os preconceitos em geral. (GUISAN, 2009, p. 18)

Percebe-se, assim, que o vínculo existente entre língua e identidade se configura no fato de que é através da língua de uma coletividade que os sujeitos imprimem sua identidade, dizendo melhor, “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela auxilia a proposta de que o discurso apresenta o mundo” (ZÁGARI, 2009, p. 66).

No discurso identitário do surdo constata-se a utilização da língua de sinais como maior atributo da diferença entre este e o outro - no caso os oralizados, tornando a língua uma forma da marcação da diferença entre surdo-ouvinte. Desta maneira o surdo se define como sujeito social com identidade própria, que busca ser respeitado e valorizado em suas particularidades culturais e linguísticas diante da sociedade majoritária ouvintista.

Numa visão político-histórica, cada grupo linguístico, ao dominar uma determinada língua, define sua própria identidade de pertença a um coletivo. Daí, qualquer língua que se lhe imponha produz o que Guisan (2009) chama de ameaça a “pureza”. Este tipo de ameaça produz o desprezo e preconceito às outras línguas.

Entendemos que a grande dificuldade em aceitar a língua de sinais se deu pelo fato de estas minorias linguísticas se encontrarem inseridas num contexto em que já havia uma língua eleita com *status* de nacionalidade, tanto no Brasil quanto em outros países. E, por isto, imposta social e hierarquicamente com atributo de língua “superior”. No caso aqui tratado, o português, sobrepondo-se à língua de sinais como majoritária.

Acerca da hierarquização das línguas, verifica-se que são classificadas como dialetos, socioletos e outros, que segundo Guisan (2009, p. 20) nada mais é que uma maneira de moldar a identidade dos indivíduos socialmente falando. Afirma o autor: “o nome atribuído às línguas, longe de ser inócua, resulta em um projeto que visa a moldar as representações identitárias dos indivíduos dentro de determinada sociedade”. Ao ser cri-

ado estas categorias linguísticas são proporcionadas a umas um melhor prestígio em detrimento de outras, como também, um poder da que recebe melhor valor sobre a outra, atribuindo ao usuário desta língua tida como inferior um status semelhante.

Assim, por um período grande na história dos surdos, a língua de sinais foi considerada não como língua de comunicação entre os surdos, mas como mímica. E seus usuários – os surdos, como inferiores aos ouvintes. Só a partir do reconhecimento da libras como L1 para os surdos brasileiros através da Lei 10.436 de 22 de abril de 2002, que estes indivíduos vêm se fortalecendo enquanto cultura específica e afirmando ser sua língua o seu maior atributo identitário. Strobel (2008, p. 44), em seu livro intitulado *As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda*, afirma:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

No discurso da autora surda, vê-se a nítida relação que é feita entre língua e identidade. E neste caso salientada como principal marca identitária capaz de produzir através da visão a transmissão das experiências vivenciadas por este grupo minoritário, ou seja, compartilhamento que é realizado entre a comunidade surda onde a interação acontece em âmbito grupal, bem como o fortalecimento identitário através do uso de uma língua própria. Já num outro viés acontece através da língua materna a aquisição dos conhecimentos numa visão macro – os estabelecidos universalmente.

Agier (2001, p. 11) explica que existe uma abordagem denominada de Construtivista dentro da antropologia social que nos permite perceber os processos identitários. Referindo-se a esta abordagem diz Agier: “Segundo essa abordagem, a realidade é “construída” pelas representações dos autores”. Dentro desta análise construtivista é possível perceber a “edificação das fronteiras simbólicas”, ou seja, como será percebida a diferença entre grupos através das fronteiras criadas simbolicamente, sendo estas o que os distinguem enquanto indivíduos pertencentes a um grupo com características próprias – ou seja, sua identidade grupal.

4. Contribuição da antropologia no estudo da relação entre língua, identidade e cultura

Na antropologia linguística, área que se dedica especificamente ao estudo da linguagem humana, verificou-se o grau de importância que a língua de um indivíduo possui na transmissão da cultura, e isto sendo repassado de geração a geração. William (2011, p. 13) diz que a linguagem é o aspecto mais característico da espécie humana, e que é por intermédio da língua que as práticas complexas de uma dada sociedade irão sobreviver culturalmente e serão refletidas. E que através da língua o antropólogo pode estudar a relação existente entre a “linguagem e o papel social/identidade em uma sociedade”. Ainda acrescenta sobre a língua de sinais:

A capacidade humana de se comunicar através da linguagem reside diretamente em nossa formação biológica. Somos “programados” para a linguagem, através de sons ou gestos. (As línguas de sinais, empregadas por deficientes auditivos, são totalmente desenvolvidas por competência própria). Com exceção do choro dos bebês, que não é aprendido, mas realmente transmite uma mensagem, os homens precisam aprender suas línguas. (WILLIAM, 2011, p. 14)

Nesta citação verificamos que a comunicação é inerente ao ser humano, conseqüentemente faz-se necessário que todo ser humano aprenda a língua praticada por seu grupo social. Além disto, agrega-se à língua o seu papel de principal via de repasse cultural. Portanto, para que o meio em que o surdo está inserido possa repassar sua riqueza cultural é necessário que haja uma forma de comunicação, seja oral ou gestual, a fim de que este indivíduo não tenha déficit de conhecimento nos vários âmbitos de constituição cultural (conceitos de moral, ética, religiosos, dentre outros).

Especificamente sobre a língua de sinais é frisado que esta nasceu pela iniciativa dos próprios surdos, logo, torna-se a língua materna daqueles que optam por utilizá-la como única via de comunicação. Desta forma, recorreremos à Etnolinguística para entendermos a dinâmica que evidencia uma visão diferenciada do surdo a respeito do mundo que os rodeia, refletindo sobre a relação que existe entre língua e cultura, e como ambas trocam informações. William (2011, p. 222) diz que, “neste tipo de pesquisa, o antropólogo pode investigar como a língua reflete os aspectos culturalmente significativos”.

Assim, verificamos que, na língua brasileira de sinais encontramos traços comuns com outras línguas já pesquisadas, a exemplo, na de-

finição de gênero. Esta modalidade linguística utiliza o gênero apenas para definir duas categorias – seres humanos e animais. Não se utiliza do artigo definidos como “a/as” “o/os” nos substantivos em geral, como o fazemos no português (“as casas”). Numa das regras da transcrição¹⁵⁶ em libras no lugar do artigo que define o gênero da palavra é utilizado um “@”. Exemplo: MENIN@, determinando assim, que, não há desinência de gênero na língua para todas as palavras que utilizarem o @. Com isto percebemos que na língua de sinais há também um determinismo linguístico, ou seja, “a ideia de que, até certo ponto, a língua modela como um povo vê o mundo que o rodeia e pensa a respeito dele” (WILLIAM, 2011, p. 222).

Marconi (2009, p. 289) abordando sobre a relação entre linguagem e cultura, diz que a linguagem é:

[...] um fenômeno cultural por excelência, sempre adequado para satisfazer as necessidades adaptativas da cultura, determinando a configuração de seus padrões culturais, portanto, a própria cultura. A linguagem é tão antiga quanto a cultura e sempre houve tantos modos de falar quanto culturas. [...] A linguagem não é um mecanismo instintivo e biológico. Os seres humanos têm necessidade de aprender sua língua e, conseqüentemente, a cultura da qual fazem parte. Trata-se do instrumento fundamental para o ingresso em uma cultura.

Nesta citação existem palavras chaves que determinam a função da língua no contexto cultural em que ela surge: como um fenômeno; favorecedora da necessidade de adaptação; determinante dos padrões culturais; e finalmente, instrumento de ingresso numa cultura. A palavra fenômeno como aqui é empregada designa algo raro, surpreendente, ou seja, a linguagem nasce da necessidade dos grupos em trocarem, produzirem cultura juntos, e repassarem o produzido culturalmente de geração em geração fazendo as adaptações necessárias no decorrer do tempo para fortalecimento grupal.

Assim, se a língua realmente é este instrumento ou “passaporte” que o indivíduo possui para ter acesso ao grupo, pressupomos que há uma barreira, um muro, que limita esses indivíduos no aprofundamento dos elementos próprio que cada cultura contém. E devido a este distanciamento, provocar no sujeito um sentimento de não pertencimento ao grupo

¹⁵⁶ Sistema de Transcrição é “o que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais”. (FELIPE, 2006, p. 23)

po. Verificamos que se isto se tornou uma realidade na história de vida do surdo G22¹⁵⁷:

Nos meus primeiros anos de vida, quando me percebi como surdo, eu estava incluso numa escola regular inclusiva. Até aos doze anos de idade, eu e Breno estudávamos numa escola inclusiva, onde não tinha intérprete. Naquela época a Lei ainda não favorecia, antes de 2000. Então, as escolas não eram obrigadas a oferecer os serviços de intérprete em libras. Mas ou menos com 13 anos ainda estava numa escola inclusiva, não tinha nenhuma comunicação com os alunos e professores. *Não interagia nem brincava, era difícil! Os alunos pensavam que eu era bobo porque gesticulava.* Minha família brigou muito, lutou, mas as escolas não aceitavam um intérprete no seu quadro de funcionários. Então, alguns pais de crianças surdas, conversando, preocupados com a educação dos seus filhos, perceberam que não havia aqui nenhuma escola para surdos. [...] Então criaram o IPAESE em 2001. Os professores do IPAESE são bilíngues, não é necessário intérprete em sala, pois as aulas são ministradas só em libras. Isto desde a educação infantil até o ensino médio/técnico. [...] Quando iniciei ficava com vergonha de gesticular, mas os professores usavam a mesma língua que eu, além disto, os visuais, desenhos, favorecia o meu aprendizado. Quando estava na escola regular professores usavam textos escritos sem nenhuma imagem, e eu não entendia, apenas palavras soltas. *Eu era um estrangeiro em meu próprio país. É uma comparação, exemplo, eu aqui... brasileiro... o americano fala inglês, o japonês tem sua própria língua também, assim como o brasileiro o português, já eu não, me comunico em libras. Sou como um estrangeiro no meu próprio país.* Mas no IPAESE era diferente, eu podia usar a minha língua, *lá é meu país.* Comecei a estudar e agora sim, *eu sou um surdo de verdade, eu tenho uma identidade surda.*

Colocamos em destaque (negrito) alguns trechos do depoimento, pois eles exprimem o sentimento de deslocamento, distanciamento e de não pertença social deste indivíduo diante do grupo maior. E isto, proporcionado pela falta de comunicação entre as partes, que gerava a não abstração do conhecimento geral que se é transmitido numa escola, pela falta de interação entre o corpo discente e docente, e por fim, pela própria discriminação sofrida por parte dos colegas ao o considerar “bobo”. Quando pôde ser introduzido num meio que favorecia a língua de sinais, percebeu que lá todos eram iguais na maneira de se comunicar e de se portar. Não havendo a discriminação, G23 sentiu-se parte deste meio, identificou-se linguisticamente e socialmente, a ponto de referir-se a este

¹⁵⁷ G22 concluiu o ensino médio/técnico no Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo - IPAESE (a única escola de Aracaju que oferece o ensino bilíngue), e está se preparando para fazer o vestibular. Trabalha como técnico em informática na LOGIN na capital do Estado. Também é um dos líderes no movimento surdo em Aracaju. Depoimento colhido no Seminário Nacional em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos no PNE dia nove de setembro de 2011.

espaço como “meu país”, pois podiam adquirir o conhecimento e realizar trocas.

Considerando que, “é através da estrutura da linguagem que se pode conhecer o mundo mental dos falantes de uma língua, seus pensamentos e ideias, sua visão global” (MARCONI, 2009, p. 290), como os surdos terão acesso a todo este patrimônio mental da língua dominante se não há comunicação entre as partes? Por outro lado esta afirmação nos anima a tentar perceber que os surdos, por sua vez, vêm tentando nos falar através dos seus pensamentos e ideias, da língua de sinais, que se sentem diferentes, descentrados, possuidores de uma visão de mundo própria daqueles que percebem todo o seu entorno através de uma via principal – a visão.

Percebeu-se no grupo de surdos pesquisados em Aracaju que há uma grande preocupação destes indivíduos quanto à importância do ensino da língua de sinais para as crianças surdas. Em nove de setembro do ano corrente, houve uma mobilização a nível nacional, na qual o grupo de Aracaju não ficou de fora. A mobilização partiu de surdos do Sudeste do Brasil através da FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, que utilizaram uma carta convite via internet solicitando a toda a comunidade surda brasileira a promoverem, nesta mesma data, eventos que divulgassem a reivindicação do não fechamento do Instituto Nacional dos Surdos – INES, localizado na capital do Rio de Janeiro. Além disso, a manifestação em defesa de escolas bilíngues¹⁵⁸ para os surdos. Aqui em Aracaju, o evento aconteceu por iniciativa do líder surdo B20¹⁵⁹ e da mestra em educação L30¹⁶⁰, realizado no SENAC, sob o título de Seminário Nacional em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdo no PNE.

A abertura do evento se deu com as boas vindas do líder B20. Sentimos a nossa primeira dificuldade – é impossível a nós ouvintes in-

¹⁵⁸ Botelho (2005, p. 51) dá a seguinte definição de educação bilingue: “Inovando as práticas de ensino e a maneira de conceber a surdez, a educação bilingue para surdos propõe a instrução e uso em separado da língua de sinais e do idioma do país, de modo a evitar deformações por uso simultâneo”.

¹⁵⁹ No certificado que recebemos do evento o nome de B20 vem subscrito como líder mobilizador responsável pela organização do evento.

¹⁶⁰ L30 é professora surda, que atualmente é efetiva do Departamento de Educação da UFS. Constituiu-se também como uma das líderes da capital que faz parte da comissão que está em processo de criação de uma Associação de Surdos em Aracaju.

terpretarmos o discurso em libras e ao mesmo tempo passarmos isto para a escrita (o que vem reafirmar o discurso surdo que o conhecimento é todo captado por apenas uma via – a visão). Desta forma, optamos por filmar todo o evento e traduzirmos com melhor eficácia posteriormente, a fim de não perdemos o conteúdo da comunicação.

O líder surdo B20, iniciou seu discurso de abertura explicando o motivo pelo qual estavam realizando o seminário:

O que é o movimento surdo na realidade? É um movimento que luta pelas escolas bilíngues para surdos. Nós surdos lutamos por isto, ou seja, a educação bilíngue para surdos ofertada desde a Educação Infantil, a fim de que os surdos se desenvolvam bem. Hoje nos 26 estados da nação acontece o mesmo seminário, com o mesmo objetivo. Movimento como aqui em Sergipe para defender a causa do surdo. Você deve estar imaginando, por que a sociedade tem que saber sobre isto? Por que a importância da educação bilíngue para surdos? Digo, é para acabar com o preconceito, dizimar as desigualdades sociais. Queremos uma educação de qualidade, diferenciada tendo como público alvo os surdos. Também, que respeite nossa L1 – língua materna e utilize o Português – L2, somente na modalidade escrita. Assim como o cego aprende a escrever em braile, nós queremos aprender a nossa língua desde cedo. Isto sim é democracia, cada um com seu direito.

No mês de março teve um movimento para o fechamento do INES, que fica no Rio de Janeiro. Como fechar uma instituição de mais de 150 anos atuando na educação do surdo em nosso país? Então, os surdos se preocuparam com isto e começaram a se organizar para lutar contra o fechamento. Porque entendemos que, se isto acontecer, teremos um retrocesso, voltaríamos à fase anterior, esquecendo a língua de sinais, a língua materna do surdo. Nós não queremos isso! Vamos lutar, sempre, sempre! Fechar o INES é voltar àquela época em que os surdos eram discriminados. Não queremos retroceder, queremos avançar, progredir. Por isto os surdos do Brasil começam a se movimentar, se reunir, a fim de que não fechem esta escola.

E neste mês de setembro, chamado de “setembro azul”, programamos este seminário nacional, em que convidamos deputados, vereadores, para explicarmos o que são os três tipos de escola: a bilíngue, a regular e a especial. Passaremos um vídeo da FENEIS que explica qual é a escola mais adequada para o surdo. O vídeo é longo, mas vale a pena. Obrigado a todos pela atenção.

Nota-se a ênfase ao motivo principal do movimento, que gira em torno da liberdade de uso e o direito de serem educados desde o mais cedo possível através dessa via – viso-gestual. Fica claro que o público alvo e objetivo do seminário não são os surdos, mas as autoridades responsáveis a título de informá-los sobre a reivindicação dos surdos nacionalmente que é a escola bilíngue. É possível entender a preocupação deste líder quando enfatiza a importância que as crianças e jovens surdos possam ser educados em sua própria língua, pois:

A aquisição da linguagem processa-se de forma natural, ouvindo a fala dos membros do grupo, assimilando os sons e seus diferentes significados. A cada contexto sociocultural corresponde a um conjunto de regras próprias definindo a forma de falar, suas variações, seus significados, seu comportamento linguístico, numa verdadeira interação entre língua e cultura. (WILLIAM, 2011, p. 289, 290)

A partir desta citação percebemos que a preocupação de B20 procede, quando enfatiza a importância dos surdos, o mais cedo possível, obterem o acesso à língua de sinais, pois se a língua é aprendida de forma natural a partir do contato do indivíduo com o outro falante, é primordial que as crianças surdas tenham contato com outros falantes da língua de sinais. Assim, com a troca entre as partes preserva-se a língua, favorece sua disseminação e conseqüentemente fortalece a comunidade surda e propicia a interação entre língua e cultura.

Fernandes (2005, p. 18) defende a exposição da criança surda o mais cedo possível à língua de sinais por entender que, a língua é por si só rica em simbologia, isto porque o ser humano tem esta capacidade intrínseca de dar significado de produzir e decodificar os signos. E assim, afirma que é “através de um sistema simbólico, como é o da língua, o ser humano descobre novas formas de pensamento, transformando sua concepção de mundo”, conseqüentemente, tendo acesso a sua língua logo ao nascer poderá se desenvolver melhor tanto individualmente como socialmente.

Percebemos com a contribuição dos autores pesquisados que, para que os surdos possam entender a riqueza e a significação simbólica do grupo cultura no qual se insere é necessário que o veículo comunicativo seja suficiente para transmitir e decodificar estes símbolos de forma que também tenham significância cultural para este indivíduo. E a única via desta transmissão cultural é através de uma língua que tenha significado para esse sujeito, ou seja, a língua de sinais.

5. Considerações finais

Finalizamos este artigo afirmando que é impossível dissociar a língua da cultura produzida por membros de uma sociedade, pois se a cultura não é algo herdado, mas “socialmente aprendida, compartilhada, baseada em símbolos, integrada e dinâmica (WILLIAN, 2011, p. 190), é a língua o meio que possibilitará a compreensão desta criação cultural

nos seus variados componentes (conhecimento, crenças, valores, normas e símbolos). Logo, uma depende da outra para sobreviver.

Entendemos a necessidade que cada indivíduo tem de aprender a língua e a cultura da qual faz parte. E por a língua o instrumento pelo qual o indivíduo terá acesso à produção cultural deste grupo, compreendemos que os surdos que não conseguem comunicar-se com os ouvintes através da oralização estariam sendo prejudicados no que concerne a sua introdução no grupo maior, e ao acesso do repasse cultural que é via língua.

Para que não haja prejuízos de conhecimento e de inserção deste sujeito no grupo maior faz-se necessário que o meio de comunicação do surdo seja através da língua de sinais. Assim esse sujeito terá o acesso à cultura envolvente por meio desta modalidade linguística.

Observamos que os surdos arcajanos através da participação dos encontros que ocorrem a nível nacional têm acompanhado todo o movimento surdo no país e se posicionado a favor desse discurso cultural e identitário. Certamente, este é um caminho longo a trilhar, pois depende da divulgação desta modalidade linguística, de modo que haja uma sensibilização da sociedade ouvinte e dos órgãos competentes no respeito à língua, oferta de interpretes em locais públicos e o acesso da criança surda a língua de sinais o mais cedo possível, para que este indivíduo possa se desenvolver e socializar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Mana. Vol. 7, n. 2. Rio de Janeiro, out. 2001.

BOTELHO, Paula, *Linguagem e letramento dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2005.

FELIPE, Tânia A. *Libras em contexto*. Rio de Janeiro: Libras Ed. Gráf., 2006.

FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto: curso básico: Livro do estudante*. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráf. e Ed., 2007.

FERNANDEZ, Eulalia (Org.). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GUISAN, Pierre. Língua: a ambiguidade do conceito. In: SALGADO, Ana Claudia Peters. *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre língua em/de contato*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade. *Antropologia: uma introdução*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MERCIER, Paul. *História da antropologia*. São Paulo: Moraes, [s.d.?]

QUADROS, R. M. O “bi” em bilinguismo na educação dos surdos. In: FERNANDES, Eulalia. (Org.). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RINALDI, Giuseppe (Comp.). *Educação especial, deficiência auditiva*. Brasília: MEC/UNESCO, 1997.

STROBEL Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. O uso do presente na fonética/fonologia do português para explicar o passado. In: SALGADO, Ana Cláudia Peters. *Sociologia no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre língua em/de contato: homenagem ao Professor Jurgen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

WILLIAM, A. *Princípios de antropologia*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.